

“DO ALIMENTO, COMO QUE PLANTA, O QUE FAZ”: ETNOGRAFIA DE UMA COMUNIDADE DE AGRICULTURA EM SÃO CARLOS/ SP

“OF FOOD, AS HOW PLANT, WHAT IT DOES”: ETHNOGRAPHY OF A FARMING COMMUNITY IN SÃO CARLOS/ SP.

***Tainá Souza Santos**

Recebido em: 26/10/2020

Aceito em: 20/04/2021

Resumo

A proposta deste artigo é investigar as práticas de conhecimentos na Comunidade que Sustenta a Agricultura de São Carlos, a partir das falas da agricultora Dina. Esta análise é parte dos resultados de minha pesquisa de iniciação científica realizada entre agosto de 2019 a outubro de 2020. A partir das narrativas e descrições da interlocutora e dos trabalhos de campo pude relacionar o material etnográfico com as discussões antropológicas contemporâneas ligadas à ecologia e conhecimento. Por fim, busquei comparar como os procedimentos técnicos de Dina à produção agroecológica refletem-se na produção de escrita etnográfica.

Palavras-chave: Ecologia; Conhecimentos; Práticas; Agricultura.

Abstract

The purpose of this paper is to investigate the knowledge practices in the Community Supporting Agriculture of São Carlos, from the words of the farmer Dina. This review is part of the results of my scientific initiation research conducted from August 2019 to October 2020. From the narratives and descriptions of the interlocutor and the fieldwork I was able to relate the ethnographic material to contemporary anthropological discussions related to ecology and knowledge. Finally, I sought to compare how Dina's techniques to agroecological production are reflected in the production of ethnographic writing.

Key-words: Ecology; Knowledge; Practices; Agriculture.

1 Introdução: A CSA para além do imaginário

Encontrava-me agachada, quase sentada na terra entre as divisas de um canteiro e outro, enquanto colhia ramos de azedinha[1] junto a agricultora Dina. Estas seriam colhidas para irem nas cestas de produtos orgânicos no final da tarde. “A gente colhe agora bem cedo para as folhas estarem frescas durante o dia, porque se deixarmos elas aqui embaixo desse sol forte vão murchar[3]”, me

explicou. Iniciamos esse trabalho pouco antes das nove horas, logo quando chegamos no rancho, local comum de convivência entre os membros da comunidade, e onde geralmente encontramos a agricultora. Ali brevemente dialogamos, enquanto Dina contava sobre as atividades daquele dia.

Assim que a avistamos ela nos perguntou: “todo

mundo aqui tem uma faquinha? Um agricultor de verdade anda sempre com duas coisas nas mãos: uma faca pra cortar os pés de hortaliça na horta, e um caderno com caneta pra anotar como andam os cultivos”. E acrescentou: “Hoje vamos colher os itens das cestas, por isso é importante ter uma faca”. Nós, os bolsistas, nos entreolhamos rapidamente com uma feição um tanto constrangida, pois muitos haviam esquecido o caderno e a faca, outros sequer lembravam dessas recomendações dadas por Dina anteriormente.

Momentos antes da colheita, ela nos pediu para que procurássemos as facas pela cozinha do rancho e também na lavanderia (local próximo a horta onde os alimentos são lavados e limpos antes da entrega das cestas e das feiras livres). Enquanto procurávamos, ela se queixava da nossa falta de atenção para com as instruções já feitas quanto a rotina de trabalho no sítio e os utensílios necessários para uso do/a agricultor/a. Durante a busca, encontrei uma faca de serra sobre a mesa – na lavanderia – próximo às caixas de plástico ali empilhadas. Peguei a faca já guardando-a no bolso de minha calça, antes de descer rumo ao canteiro de azedinhas.

O breve relato acima descreve uma de minhas experiências de campo na Comunidade que Sustenta a Agricultura de São Carlos, durante o segundo semestre de 2018, enquanto trabalhei como bolsista de produção na CSA de São Carlos. Durante esse período pude acompanhar os processos de manejo agroecológico, as práticas e conhecimentos da agricultora Dina destinada ao cultivo de orgânicos. Com a vigência da Iniciação Científica financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), em agosto de

2019 a outubro de 2020, essas experiências passaram a ser descritas no formato de relatos etnográficos, assim como entrevistas com a agricultora e curtos períodos de trabalhos de campo também foram realizados na comunidade. Escrever sobre as experiências da CSA São Carlos partiu de um convite de Dina feito a mim, e consentido também pelo restante dos membros associados naquele período.

A trajetória de Dina é marcada pelo trabalho no campo desde a sua infância com seus pais também agricultores, em uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. O contato bastante presente com a agricultura quando criança, somado aos diversos cursos e eventos sobre agroecologia e agricultura orgânica que participou posteriormente teceram o leque de conhecimentos, experiências e práticas de cultivo direcionados ao ABIRÚ e em seguida, a CSA São Carlos. Segundo Dina, a CSA de São Carlos surgiu em 2014 em parceria com a ABIRÚ, grupo produtor de agricultura familiar orgânica, localizado no Sítio Centenário na cidade de São Carlos - SP.

Todos os associados a comunidade, sejam eles cotistas ou bolsistas, são responsáveis pela participação em reuniões, mutirões e demais eventos ofertados, tendo o compromisso de estarem inteirados aos acontecimentos da CSA, seja em campo (na horta), ou com as questões administrativas. Na narrativa de Dina, os cotistas são aqueles que investem financeiramente na produção, e a longo prazo garantem que parte dos gastos anuais sejam custeados, como o aluguel do sítio, salário de agricultores (quando necessário), energia elétrica etc. Já os membros bolsistas – estudantes da UFSCar, professores, moradores de São Carlos – dedicam quatro horas de trabalho semanalmente em troca da cesta, geralmente auxiliando

Dina na horta, com o cultivo de alimentos. Em troca de sua colaboração, recebem semanalmente uma cesta com os alimentos produzidos no sítio.

A ideia de uma agricultura sustentada por um coletivo de pessoas tem origem durante a década de 1970 no Japão, através dos modelos Teikei. ‘Teikei’ significa cooperação; e fundamenta-se em uma filosofia dinâmica de interações entre consumidores e produtores. Contudo, foi somente no ano de 1986 que a CSA (Community Supported Agriculture - CSA) surgiu nos Estados Unidos, a partir das experiências de dois agricultores biodinâmicos. Atualmente, as CSAs prosperam em inúmeros lugares do mundo, sendo a China cujo o número é um dos mais expressivos, sendo mais de 800 CSAs em todo o país (HITCHMAN, 2015). O Brasil, atualmente, conta com pouco mais de 150 comunidades[2].

O princípio geral deste modelo é estabelecer uma agricultura solidária entre produtores de alimentos orgânicos e consumidores, onde todos os custos para produção de alimentos são de responsabilidade coletiva, aproximando e produzindo vínculos entre aquele que produz e aquele que consome. A proposta é, ainda, se colocar à frente de um desenvolvimento sustentável, de uma nova forma de relações e vantagens para a terra, plantas, animais e o ser humano, em virtude de sua finalidade: o escoamento de produtos orgânicos.

Mesmo havendo um modelo padrão para a construção de CSAs, cada comunidade possui autonomia para organizar-se coletivamente a partir de suas demandas e especificidades. A comunidade de São Carlos, por exemplo, tinha uma enorme carência de agricultores/as para trabalhar no campo junto à Dina; foi a partir dessa

ausência que implementaram a possibilidade de associação ‘bolsista’. Como mencionado anteriormente, os bolsistas são aqueles que dedicam quatro horas de trabalho na comunidade em um dia da semana, já os cotistas financiam o cultivo de alimentos através da compra das cestas de orgânicos.

Na comunidade deixavam-me intrigada muitos comentários de Dina em reuniões e oficinas, assim como narrativas de demais membros. Uma em específico que me encaminhou à pesquisa foi a noção da CSA São Carlos ser “o além do imaginário”. O que seria na perspectiva de Dina a CSA enquanto “além do imaginário?!” No início do trabalho de campo mantive uma escuta atenta para seus conhecimentos, observando ainda a quantidade de habilidades, técnicas, interações e fazeres que são conduzidos por Dina para a finalidade do cultivo orgânico.

Nesse sentido, essa pesquisa etnografou práticas e conhecimentos relacionados à produção de alimentos dentro da comunidade, abarcando a heterogeneidade de fluxos entre seres humanos e não humanos, e de saberes que circulam na CSA de São Carlos (INGOLD, 2015). Tim Ingold contribui para essa discussão ao pensar os cruzamentos entre materiais-sujeitos-ambiente. No livro “Estar Vivo: Ensaio Sobre Movimento, Conhecimento e Descrição”, o antropólogo demonstra como “materiais heterogêneos, animados por forças de tensão e compreensão e com propriedades variáveis, misturam-se e fundem-se uns aos outros na geração de coisas” (p. 301). E acrescenta posteriormente: “o que as pessoas fazem com os materiais é segui-los, tecendo suas próprias linhas de devir, na textura do fluxo de materiais que compreende

o mundo da vida” (p. 308). Tais investigações ligadas às práticas e narrativas da agricultora encaminharam-me para discussões sobre conhecimento e ecologia a partir da Antropologia, que serão explorados adiante.

Este artigo, por fim, é parte dos resultados de minha pesquisa, em que produzi uma série de relatos etnográficos a partir das minhas experiências de campo e de entrevistas com a agricultora Dina, estruturada a partir das seguintes seções: “Introdução: CSA para além do imaginário”; “CSA São Carlos e a Prática Agroecológica”; “CSA São Carlos: Além da prática agroecológica”; “A união de todos os animais”; “O plantar da comunidade”; “O trabalho de Dina: De verdade e amor”; “Levar cestas e levar o conhecimento”; e, por fim “Desfecho: O plantar das palavras”.

Portanto, o foco deste trabalho não está relacionado às extensas discussões do campo da agroecologia ou da antropologia rural, mas em como as inúmeras trocas da CSA São Carlos abrem margem para pensar conhecimento e ecologia a partir de discussões antropológicas contemporâneas, assim como as narrativas e os procedimentos técnicos de Dina para o cultivo de alimentos levaram-me a refletir sobre os processos de escrita etnográfica.

2 CSA São Carlos e a prática Agroecológica

“Recentemente foi feita aí uma matéria, a Renata estava, que é a Gestão Ambiental que veio nos apoiar com alguns projetos. E quando eu vi isso, eu fiquei envergonhada porque era vários grupos que vieram pra fazer várias pesquisas, e um grupo ceis acredita que era o quê? Era

planejamento lá da horta. E eu tava correndo que nem uma louca, eles sentavam aqui na mesa e minha filha falava: “Mãe nois precisa d’ocê!” E eu vinha, e eu olhava pra ela e ficava enrolando. Eu só pensava isso: “tô perdendo meu tempo que não sei o quê.”

(Fala de Dina durante a apresentação da turma Ecologia da UNESP)

O relato que inicia essa seção refere-se às práticas e rotinas de Dina no processo de produção de alimentos. Essas experiências foram compartilhadas em algumas oficinas ministradas por ela aos domingos, com o propósito de instruir a comunidade sobre os grandiosos processos que envolvem cultivo, plantação e colheita. Na ocasião, Dina comentava sobre a dedicação que o ato de plantar exige. Em sua formulação ficou evidente o quanto se sentia perdendo tempo ao abandonar os cultivos na horta para responder às questões trazidas pelos pesquisadores. Pois, na prática, nos processos de semeadura e cultivo, ela descrevia como o manejo agroecológico e o cultivo de orgânicos exigia constante planejamento, atenção e paciência.

Para semear (prática que aprendíamos em oficinas) era preciso, primeiro, fazer um copinho (nome dado a um copo feito com jornal modelado em garrafas de spray). Em seguida, despeja-se terra dentro das sementeiras, com cuidado para que não vaze, nem o destrua. Nesse processo deve-se ‘afogar’ a terra para que ela não fique compactada. Por último, utiliza-se o dedo indicador, costumeiramente, para fazer um pequeno buraco onde serão depositadas as sementes.

Todo esse procedimento envolvia desde o cuidado com os substratos que eram misturados com a terra, até

o ato de pousar as sementes dentro dos copinhos. Em seguida, são regadas uma a uma com bastante água - como instruiu Dina, e levá-las para o berçário, para aguardar a germinação. As oficinas eram experiências de intensa troca de conhecimentos entre os membros da comunidade. Eram em meios as conversas, que Dina contava sobre a importância do cuidado com as plantas cultivadas, já que estas se transformariam em alimento para toda a CSA. Eram as energias depositadas nos processos de cultivo por cada um presente que as nutria, e as fazia crescer fortes e bonitas. Foram nesses contextos de oficina, principalmente, que a comunidade foi entrelaçando conhecimentos, através de formas singulares e ousadas de fazer agricultura.

É nesse sentido que cotidianamente em trabalhos no campo e em reuniões, que Dina incitou a reflexão junto aos membros sobre as vastas potencialidades da CSA São Carlos. Essas ideias, assim, promoveram não apenas a circulação de produtos orgânicos na comunidade e em redes mais amplas, como também fomentou reflexões sobre formas engenhosas e criativas para se construir coletivamente a comunidade. Como o perfil dos cotistas e bolsistas era muito diverso, abarcando biólogos, professores, engenheiros, estudantes, o que se observou nesses diálogos, de forma mais acentuada, são intercâmbios entre o campo científico e os conhecimentos da agricultora Dina.

3 CSA São Carlos: Além da prática agroecológica

Assim como muitas outras comunidades agroecológicas, esculpidas a partir de suas experiências e particularidades locais, a Comunidade que Sustenta a

Agricultura de São Carlos enquanto coletivo se colocou como outro exemplo às múltiplas construções possíveis de uma comunidade de agricultura orgânica familiar, a partir da vinculação de pessoas partindo de contextos variados.

Em um dos meus primeiros encontros com Dina enquanto bolsista, ela proferiu uma frase que sempre latejou minha mente desde o início desta pesquisa: “A CSA é o além do imaginário!”. Para a agricultora, as possibilidades de reinvenção da comunidade são infinitas. Essa ideia sempre a acompanha em seus processos criativos e inventivos durante as reuniões.

Ao longo dessa pesquisa explorei as redes e conexões que essa formulação podia dimensionar. São sentidos para além do que é material, palpável, prático mas que se evidenciou em maneiras de cuidar de plantas, de observar a lua, de se atentar as estações, a insetos como abelhas e co-agricultores. Através dessa análise, aproximei essas interações ao que Stengers descreveu como proposições cosmopolíticas: “o cosmos, tal qual ele figura neste termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes” (STENGENS, 2018: 447).

Tais interações englobam práticas, incluindo modos particulares de conhecer e experienciar o trabalho no campo. Desse modo, a proposta foi investigar as interações ecológicas na CSA - São Carlos nesse caráter amplo, observando o funcionamento e tecimento desse sistema abrangendo a terra, plantas, animais, seres humanos e não humanos, lua e constelações.

4 A UNIÃO DE TODOS OS

ANIMAIS

Há uma extensa cadeia de relações que abarcam a Comunidade que Sustenta a Agricultura de São Carlos, incluindo terra, plantas e animais em virtude de sua finalidade, que é a produção orgânica. As CSA's quanto modelo se colocam à frente de um desenvolvimento sustentável; de uma nova forma de relações e vantagens para todo o ambiente que a cerca. Tomado esse pressuposto de seu modelo conceitual, durante a entrevista no início de 2020, Dina relatou sobre as mesmas tessituras e em como elas estruturam a CSA São Carlos numa grande rede de interações interespecíficas: “como com todos os organismos vivos, as vidas humanas e modos de vida não podem ter lugar e ser descritos isoladamente. Como Anna Tsing observa, “A natureza humana [em todas as suas múltiplas formas] é uma relação interespecies (VAN DOOREN, KIRKSEY e MÜNSTER, 2016: 2)”. Tal cadeia de relações, apesar de particulares (e baseada nas interações entre seres de cada comunidade), direcionam um dos princípios gerais das CSA's, que é a de promover um desenvolvimento alicerçado pela responsabilidade ambiental coletiva.

Durante meu período como bolsista, enquanto arrancávamos tiriricas (um tipo de erva daninha), Dina nos contou sobre essas correlações em busca de uma integração com os ciclos lunares e os processos ecológicos da terra e das plantas, na contribuição à frente de uma agricultura orgânica. De uma nova forma de relações e afetos que construam vantagens para todos esses seres e ciclos, que enxerga como dentro de uma cadeia sistêmica, que interagem e se influenciam mutuamente. Esta narrativa se aproxima de argumentações feitas por VAN DOOREN,

KIRKSEY e MÜNSTER (2016),

Estes contextos maiores não são meros ambientes no sentido de um fundo homogêneo e estático para um sujeito focal. Pelo contrário, são complexas “ecologias de si mesmas”, dinâmicas que são continuamente moldados e remodelados, ativados - mesmo que nem sempre intencionalmente - através da partilha de “significados, interesses e afetos (p. 9 tradução livre).

Tais significados são estendidos quando a agricultora refere-se às energias que depositamos nos alimentos no momento do plantio, e aos ciclos lunares que também influenciam diretamente os cultivos. Para ela é elementar segui-los se almeja uma boa colheita. São essas interações que dão sabor ao alimento, que os fazem crescer fortes e bonitos.

Em 2019, uma turma de Ecologia da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) fez uma visita à CSA. Renata, professora responsável pelo curso e também membra da CSA São Carlos, fez comentários conectando práticas ecológicas humanas e agro ecossistêmicas como um possível campo de atuação e pesquisa aos ecólogos em formação. Em suas observações, Renata ampliou as Comunidades que Sustentam a Agricultura para além de sua dimensão territorial.

“[...]eu acho que aqui é um espaço que tem muitas oportunidades. Porque não só com a agricultura orgânica, mas tem desde recuperação de nascente, tem várias problemáticas aqui no entorno da propriedade. A gente tem uma área pra restaurar nascente, pra reflorestar”. (Fala da Professora Renata, grifos adicionados)

Tais comentários posicionam a CSA São Carlos em interação com o entorno que a cerca. Nessa perspectiva,

esse sistema de interações envolvendo nascentes e florestas, podem ser auxiliados na interação ambiental e social da comunidade. Naquele dia um comentário de Dina marcou-me: “a CSA é a união de pessoas. De todos os animais”. Para a agricultora, pensar ‘ecologia’ é pensar na comunidade como um todo: envolvendo gatos, cachorros, couves, chuchus – toda a horta – inclusive o viveiro de mudas. Tanto ‘comunidade’ quanto ‘ecologia’, para a agricultora, carregam um significado afetivo de proximidade e união. Quando Dina faz referência a todos os animais ela os evoca enxergando-os quanto pertencentes à família CSA; enquanto integrantes tão importantes quanto os bolsistas e cotistas que trabalham e/ou financiam a comunidade. Estes cruzamentos vinculam-se às noções de relações multiespécies, de crescentes discussões na Antropologia contemporânea, que propõe ver, precisamente, “as multidões de agentes vivos que se envolvem uns aos outros através de relações enredadas (VAN DOOREN, KIRKSEY e MÜNSTER 2016: 9)”.

Assim, é diante das vivas trocas durante nossa entrevista, e das diversas conversas informais que tive com Dina, como aos sábados na Feira de Orgânicos da cidade, em suas aparições repentinas em minha casa e nas experiências de trabalho no e de campo, que observo noções trabalhadas por Dina que não se restringem à agroecologia. Com todo trabalho na horta e a produção de sentidos que procura alimentar à comunidade sua intenção, para além da produção de orgânicos em si, é a de consolidar práticas que envolvem noções como verdade e amor. Através de suas práticas agroecológicas, realiza um trabalho feito com amor, que quer o bem do próximo. Todas as suas descrições levam a construção de uma

comunidade que irradie sentidos, produza verdades para cada um e uma que a compõe, transformando sua relação com a alimentação, as pessoas, os animais e a terra. Dessa forma, com o plantar das sementes, Dina planta também a própria comunidade.

5 O PLANTAR DA COMUNIDADE

“Porque se eu vendesse só cesta, eu visava só lucro, dinheiro; não tinha amor, não tinha verdade.” (Entrevista com Dina, 12 de janeiro de 2020)

Muitos caracterizam a CSA São Carlos como um espaço de aprendizagens onde Dina é tida como professora. Para ela, tais trocas são vistas como investimento: “eu invisto tempo nessas pessoas de verdade, porque isso é amor”, diz. O conhecimento, para ela, é tido como uma sede que permeia dentro de si; “eu preciso levar” [o conhecimento], comentou Dina.

Para Dina, as trocas são costumeiramente valorosas, seja “investindo em mãos ou investindo financeiramente”, como ela diz. Essas possibilidades de troca caracterizam o trabalho de verdade para um e cada uma da comunidade, porque como colocou Dina, se [você] gosta de fazer, faz sentido. Sejam pelas trocas de conhecimento, trocas de sementes, trocas de alimentos orgânicos, trocas de experiências ou troca de saberes. As mais diversas produções de sentido dado pelos membros da comunidade demarcam as verdades ao pertencer-se a CSA São Carlos. Essas trocas além do imaginário são evidenciadas na própria noção de comunidade descrito por Dina

“As pessoas não entendem que você financia a

comunidade, que o tempo da terra é outro. Eu falo: ‘ô fulano, você quer sair da comunidade? Mas então o que que eu faço com a abobrinha que eu plantei pra você há três/ quatro meses atrás?’”

(Fala de Dina durante a visitação da turma de Ecologia, em agosto de 2019)

É através deste comentário que direciono a presente reflexão para a próxima ramificação que sustenta a CSA São Carlos: às descrições e produções de sentido do que Dina entende por “comunidade”. Dina frequentemente se refere às práticas de plantio da mesma maneira que se refere à comunidade. Para o processo de plantio e cultivo há uma série de etapas que agregam-se em cadeia. Inicialmente, Dina verifica o calendário biodinâmico exposto no rancho para toda a comunidade. O calendário biodinâmico tem como fundamento as fases lunares aplicadas à agricultura, assim sabe-se qual o dia mais favorável para a germinação de determinada hortaliça/ leguminosa/ raiz através dos ciclos lunares. Após a fase germinativa, as pequenas mudas deslocam-se do berçário e são destinadas ao viveiro de mudas, para em seguida, serem plantadas nos canteiros. De modo similar a comunidade também exige cuidados diários, tempo e paciência. Assim, observa-se que as interações ecológicas entre terra, plantas, animais, lua e o ser humano para que a produção orgânica se efetue engloba práticas, incluindo modos diferentes de conhecer e experienciar o trabalho no campo, pragmaticamente. É possível aproximar as narrativas de Dina a noção de Ecologia das Práticas (2003), da filósofa Isabelle Stengers. Para a filósofa, ecologia das práticas refere-se a como seres humanos e não humanos são indissociáveis de um “meio”/ ambiente. Assim, nesta categoria de análise, compreende-

se que as Comunidades que Sustentam a Agricultura são um complexo sistema de interações e relações entre seres. Para Dina, a comunidade é um pilar para a maneira que a CSA São Carlos opera. A agricultora frisou durante os trabalhos no campo a importância de se atentar a todos os seres que nos rodeiam; às energias despendidas no cuidado para com os alimentos enquanto são cultivados, pois eles nutrirão – para além de alimentar, toda a vida da comunidade.

Dina é quem acompanha os bolsistas e os instrui em seus trabalhos diários no campo. Possui um olhar atencioso e detalhista ao observar as habilidades de cada um, assim os direciona para atividades em que o desempenho ao realizá-lo envolva aptidões e desejos pessoais, reverberando, assim, em relações de trabalho mais satisfatórias para todo o coletivo. Procura engajá-los em “um trabalho que faça sentido”, como relatou Dina em nossa conversaentrevista[4].

Como o processo de produção de semear a comunidade também exige cuidado. Para semear (prática que aprendíamos em oficinas) é preciso, primeiro, fazer um copinho, colocar terra dentro dele com cuidado para que não vaze, nem o destrua. Em seguida, deve-se “afofar” a terra para que ela não fique compactada. Depois usamos o dedo indicador, costumeiramente, para abrimos um espaço onde serão colocadas as sementes e, por fim, a cobrimos com mais terra. Todo esse processo envolvia desde cuidados com a terra, os substratos que eram importantes de serem colocados, até o momento de pousar as sementes nas sementeiras, regá-las uma a uma com bastante água, e guardá-las no berçário até que o pequeno broto crescesse.

Todo o envolvimento e engajamento da própria comunidade se assemelha como as sementes em processo de germinação descrito acima durante as oficinas: “é necessário tempo, nutrição, paciência; aos poucos vai cativando. Olha, você é importante pra comunidade. Olha do que você é capaz de fazer. Olha quantas habilidades”. É comum durante a rotina de trabalho de Dina esse olhar cuidadoso e minucioso a cada membro, em que procura ressaltar sua importância para o trabalho coletivo, observando possíveis aptidões e construindo uma noção de pertencimento à comunidade. Essas concepções se assemelham a ideia de fluxo e peregrinação de pessoas, seres e objetos, em que os agenciamentos se dão através dos encontros (INGOLD, 2015). Nos termos de Ingold

Ao invés de supor que as pessoas apliquem os seus conhecimentos na prática, estaríamos mais inclinados dizer que elas conhecem por meio da sua prática (INGOLD & KURTILLA, 200:191-192) - isto é, através de um envolvimento contínuo, na percepção e na ação, com os constituintes do seu ambiente (INGOLD, 2015: 226).

A agricultora tece alinhamentos possíveis para que cada “peça” se agregue, realizando o trabalho no campo, bem como também nas demais frentes, formando uma grande rede. Somado as bases construídas em que a comunidade se abastece e nutre, Dina acrescentou ainda que “a CSA precisa de muita compreensão, paciência, respeito, cuidado, sinceridade”, pois um processo lento e gradual acontece por parte dos próprios membros, principalmente os recém-associados, em relação a produções de sentido; ao comprometimento e responsabilidade para com ela e todo o coletivo. Tais aspectos do cuidado enfatizam o estar

junto como o papel da CSA.

6 O TRABALHO DE DINA: DE VERDADE E AMOR

“Eu faço um trabalho de verdade. Um trabalho de amor. Um trabalho que eu gosto de fazer. Eu gosto de ensinar, de plantar... Isso faz sentido pra mim. Isso me cativa dentro da CSA.” (Entrevista com Dina, 12 de janeiro de 2020)

Durante a rotina de trabalho, Dina investe tempo junto aos bolsistas ensinando-os as técnicas de cultivo orgânico, e o manejo agroecológico da terra. Em uma ocasião em particular, enquanto fazíamos uma grande colheita de alfaces que seriam entregues às escolas municipais da cidade, Dina nos instrua pacientemente, agachando nos pés de alface, nos mostrando o local correto a ser cortado, situado próximo ao talo enraizado na terra. Mantendo o talo na terra a alface poderá brotar novamente. Ao longo do processo, afirmou para que a retirássemos os maços da hortaliça com bastante cuidado. Para além dos ensinamentos práticos do plantio, o trabalho de Dina envolve também a organização da própria comunidade, estruturar seus pilares, produzir a engrenagem. Organizar permite, como ela diz, bombar a comunidade no sentido de verdade.

Nessa mesma entrevista Dina traçou uma narrativa histórica sobre a CSA São Carlos, contando que o ano de 2018 foi preciso estruturar pilares, como mesmo caracterizou a agricultora, um deles foi o da organização. Ao observar as habilidades situantes (INGOLD, 2015) de cada integrante da CSA, e agregá-la ao ecossistema da

comunidade, Dina inova e cria possibilidades singulares e de interação coletiva. É audacioso o quanto consegue, a partir dessas observações, tecer alinhamentos possíveis à comunidade para que cada peça se agregue como uma engrenagem.

É importante resgatar tal noção, pois elas delineiam algumas premissas bastante importantes que guiaram discussões em reuniões e assembleias nas quais estive presente entre o segundo semestre de 2018 e também em 2019. Esses diálogos foram cruciais para que a CSA reconhecesse e firmasse bases de sustentação. Era recorrente, durante os trabalhos no campo, a agricultora ressaltar em meio aos nossos diálogos a importância de se trazer organização. Nos dizia: “esse é o ano da organização. Precisamos organizar para depois bombar a comunidade”.

Depois de um período semeando o que seria essa organização, além de ir de encontro aos membros que a fariam, foi somente no final de 2018, em uma reunião onde Dina e Lírio apresentaram à CSA um modelo para organizar as relações e parcerias que envolviam a comunidade. Haviam, inclusive, filmado as explicações como uma forma de registro documental e audiovisual. “A CSA precisa de estrutura e muita organização”, frisou ao longo daquele ano e também em dado momento da conversa-entrevista. Naquela reunião em 2018, enquanto se alegrava com as exclamações da bolsista, Dina comentava também sobre o dom de Lírio para organizar e explicar as articulações de ideias. Essa era sua habilidade, que a agricultora muito ressaltou, já que não conseguiria, sozinha, construir tais encadeamentos. As atenções de Dina para as aptidões de cada membro “desdobra-se não em lugares, mas ao longo de caminhos. Prosseguindo ao longo do caminho, cada

habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro (INGOLD, 2015: 217)”.

Em decorrência dos pilares estruturados em anos anteriores, Dina e um grupo de cotistas pensaram no planejamento de plantio para o ano de 2020. Contou-me que haviam se encontrado no início de janeiro para estruturar junto ao calendário biodinâmico os itens que seriam entregues nas cestas. O planejamento anual era um dos maiores sonhos e objetivos de Dina na comunidade. Através do engajamento e ação coletiva, foi possível fornecer a cada membro o calendário anual de itens que comporiam as cestas a serem entregues naquele ano, além de criar um sistema de registro online com as informações de cada integrante, e o que desejariam receber em sua cesta. Havia uma frente de trabalho (um grupo de pessoas) destinada apenas para gerenciar tais planilhas, e os demais documentos relacionados ao planejamento de plantio para este ano.

Tais organizações e planos mencionados possibilitaram que a CSA São Carlos consolidasse um grupo ‘gestor’ das demandas administrativas e operacionais da comunidade, para que assim houvesse mais transparência sobre os recursos financeiros e também das parcerias estabelecidas. Este grupo, além de desempenhar um “trabalho de verdade, um trabalho que faça sentido [para si]”, possibilitou que Dina se dedicasse em suas práticas de cultivo e em sua relação com as trocas de conhecimento junto a comunidade retirando, assim, um pouco da sobrecarga que essas demais ocupações a demandavam. Tal organização permitiu a Dina dedicar-se a uma atividade muito cara para ela: levar o conhecimento.

7 Levar cestas e levar o conhecimento

Aos sábados pela manhã, após uma semana intensa de trabalho entre germinações, plantios e colheita de alimentos, Dina acorda antes do nascer do sol para organizar as barracas, cestas, maquinário para a produção de pastéis, alimentos que serão vendidos na Feira de Orgânicos da cidade. Dina junto a sua filha Jhosy e alguns bolsistas, geralmente, montam a barraca da Abirú/ CSA São Carlos para o escoamento dos produtos. Estas são circunstâncias em que Dina ensina aos consumidores sobre plantas alimentícias não convencionais (as PANC's), e sobre as propriedades dos alimentos à saúde.

A feira reúne agricultores familiares, assentamentos e comerciantes de produtos orgânicos da cidade. Numa dessas ocasiões, em janeiro de 2020, a vi trabalhando na barraca de pastel, estava atendendo alguns clientes. Decidi, então, ir ao seu encontro para cumprimentá-la. Dina aproveitou a oportunidade e me perguntou como caminhava o andamento da pesquisa, disse-lhe que estava em um período de observação e análise dos materiais coletados. E que havia elementos em suas falas que me deixavam bastante curiosa, como o que ela se referia a conhecimento para escrita de um livro. Ela me explicou, ali mesmo durante as vendas de pastel que neste livro caberia todo tipo de conhecimento. A conversa profunda na barraca resumia muito das técnicas de Dina, sua sensibilidade cotidiana. Levar conhecimento para ela era cotidiano, assim como levar as cestas e pastéis para a feira. Como apontou INGOLD (2015: 227), “da perspectiva de um processo complexo, ao contrário, movimento é

conhecimento”. Do mesmo modo, Dina traz à comunidade seus conhecimentos cotidianamente através de suas práticas.

De maneira similar, também em nossa conversa entrevista, agricultora comentou sobre o levar do conhecimento de conhecimento através da seguinte metáfora: “imagine-se em uma região onde tem leite as pamparras, ninguém nessa região sabe fazer queijo, mas você sabe. Então, você pode chegar lá e dizer: Ó, vamos fazer uma troca? Eu sei fazer o queijo”. Tal metáfora sintetiza a importância para Dina em buscar e trocar conhecimentos. Assim, Dina altera suas frases de poesia quase intangível, com metáforas cotidianas e palpáveis.

“Muitas vezes as pessoas não sabem porque não buscam o conhecimento. Então, quando ela se respeita, tem interesse, ela começa a correr atrás. Conhecimento, nossa. Eu nem sei como faz um queijo, mas adoraria saber. Eu não tenho leite, não tenho gado, mas adoraria saber fazer o queijo.” (Entrevista com Dina, 12 de janeiro de 2020).

Logo após seu comentário sobre a produção de queijos, Dina me disse: “O conhecimento transforma o mundo!”, se referindo a potência de tais trocas, e se conectando ao seu desejo em ofertar cursos/ oficinas na CSA, preparando apostilas e organizando pequenas turmas. Algo parecido ocorreu no projeto intitulado ‘Acampamento de Férias da CSA São Carlos’, no final de 2018. A proposta desse acampamento era trocar estadia e trabalho no sítio pelas experiências de produção orgânica e saberes de manejo agroecológico junto a agricultora. Os acampamentos agregaram pessoas dos mais diversos contextos: mochileiros, estudantes, professores,

pesquisadores. Dessa forma, seja em nossas conversas, em práticas cotidianas de cultivo ou em acampamentos, Dina tinha em vista a potência das trocas de conhecimento.

Em um dado momento da conversa-entrevista ela diz: “mostrar pras pessoas na transformação o que é o verdadeiro amor”. Ao chegarmos no sítio, Dina nos recebia com um sorriso radiante, envolvia as pessoas em seu abraço caloroso num gesto afetivo para nos receber. Em sua rotina de cuidados e trabalhos na comunidade, que Dina praticava o verdadeiro amor. Para ela, isso significa também transformação.

Assim, o conhecimento sobre o qual fala Dina a acompanha seja nas feiras, nos plantios ou nas assembleias e reuniões. Como ela mesma ensinou, o seu trabalho faz sentido para si e por isso leva conhecimento a outros, seja ensinando manejos de produção orgânica agroecológica, seja o plantar do conhecimento que transforma o mundo.

8 DESFECHO: O PLANTAR DAS PALAVRAS

“Então, o livro que eu fosse escrever falaria disso, do verdadeiro amor e do conhecimento. Porque o verdadeiro amor é você levar o conhecimento pras pessoas, é o que é [a] importância. Transforma o mundo o conhecimento.” (Entrevista com Dina, 12 de janeiro de 2020)

Esta navegação é fundamentalmente uma questão de ética e política. É a esta questão que nos dirigimos agora: como é que diferentes práticas de conhecimento - diferentes modos de imersão atenta - trazem mundos diferentes à existência? (VAN DOOREN, KIRKSEY e MÜNSTER, 2016: 12).

O processo de escrita proposta a mim por Dina

levou-me a refletir que o ‘plantar a comunidade’ associa-se ao processo de plantar o próprio texto etnográfico. Proponho pensar, por fim, a relação entre os processos técnicos de Dina com a agricultura e os procedimentos técnicos antropológicos, a partir da retomada de noções trazidos pela agricultora envolvendo o tempo e o cuidado. Tomando tais práticas em paralelo, ambos envolvem paciência, abarcando habilidades para produzir aquilo que se gosta de fazer – no meu caso, particularmente. Tais plantações carregam sentidos individuais que se costuram a sentidos outros. No caso, essas possíveis habilidades reverberaram na produção escrita desta pesquisa junto a Dina na CSA São Carlos.

Retomo um questionamento que acompanhou-me ao longo da pesquisa sobre a possível escrita de um livro: “Dina, se você fosse escrever um livro, sobre o que ele seria?” Ela me respondeu que seria “um livro sobre o verdadeiro amor, e que trouxesse conhecimento”. Na ocasião, Dina se lembrou de Ana Maria Primavesi, pesquisadora, precursora de estudos e publicações na área da Agroecologia no país. Era recorrente em seus comentários no sítio de como Primavesi tornou-se uma forte inspiração em sua vida, pois para Dina, ela foi uma importante referência em escrituras sobre o verdadeiro amor trazendo conhecimento. Durante sua fala, me relatou também sobre o seu então recente falecimento, e de que não tinha ciência que ainda estava viva; rapidamente exclamou: “Tá vendo como que é a falta de informação e conhecimento”!

Como visto ao longo das seções deste artigo, a noção de verdade, para Dina, se caracteriza em formas de experienciar, conhecer e entrar em contato com

aquilo e aqueles que se relaciona. Pertencer a CSA envolve comprometer-se com as germinações de algumas verdades comuns, colhendo outras verdades que se dão através do encontro de si mesmo, pelo verdadeiro amor, e, reconhecendo, ao mesmo tempo, naquilo em que se está investindo. É do encontro com as diferenças entre os demais membros que se constrói conjuntamente a comunidade, produzindo sentidos e técnicas para o auxílio dos plantios.

Todas essas experiências, falas e práticas de cultivo de Dina ecoaram em minhas reflexões sobre o próprio fazer antropológico. Em uma visita em 2019, por exemplo, Dina contou: “aqui a minha horta é um grande laboratório”. Seu laboratório é um vasto campo – literalmente – de experimentações e possibilidades, assim como as folhas em branco foram desde o início da pesquisa para mim. Dina em seu grande laboratório chamado Sítio Centenário – localização da CSA – onde compartilhamos saberes, curiosidades, e principalmente, uma sede comum pelo conhecimento e em suas formas de explorá-lo e trocá-lo, cada uma habitando lugares (ou mundos): ela em sua horta, eu posteriormente junto ao texto.

Partindo de minhas experimentações com a escrita descritiva e acadêmica inspirada em práticas de Dina, ou o que aqui nomeio como o ‘plantar das palavras’ observo que, assim como o plantar de alimentos, ambas as práticas demandam tempo. É preciso madurar certas habilidades ao se deslocar do campo para o texto. Este movimento é similar aquele momento em que me debruçava nas atividades na horta com cuidado, paciência e atenção. Plantar as palavras no papel envolve também um regar cotidiano, assim como regávamos as mudas no berçário e no viveiro de mudas para que elas crescessem. Os processos

técnicos da escrita etnográfica e antropológica me deslocaram para tal comparação. Enquanto plantávamos, Dina contava que o “tomate-cereja dá trabalho, é delicado e exige muito cuidado e dedicação no plantar”. Enquanto uma experimentação etnográfica algo muito parecido ocorreu na escrita deste texto. Esse experimento, tendo como inspiração aqueles ensinados no laboratório de Dina, exige paciência, cuidado, trabalho constante e uma atenção às palavras plantadas no papel.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

*Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos Email: tainas.santos@hotmail.com

NOTAS

[1] As azedinhas são uma espécie de planta alimentícia não convencional (PANC). Tal nome indica o seu sabor amargo e azedo.

[2] Informações retiradas no site CSA Brasil. Acesso em 22/06/2020.

[3] As metáforas e transcrições de falas de Dina estarão evidenciadas entre aspas. As palavras grafadas em itálico remetem as expressões e descrições da interlocutora durante as entrevistas e pesquisa de campo. Expressões de demais interlocutores também estão grafadas em itálico.

[4] A noção de conversa-entrevista emergiu a partir das colocações de Dina quanto as entrevistas, que eram lidas por ela como longas conversas.

Referências Bibliográficas

HITCHMAN, Judith. Agricultura Sustentada pela Comunidade: Um Modelo que Prospera na China. Agriculturas, [S. l.], Junho 2015. Disponível em:



http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2015/10/Agriculturas_V12N2_Artigo4.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. 1ªED. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 392 p.

STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitiques I*. Paris: La Découvert, 2003.

_____.A proposição Cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 69, p. 442464, abr. 2018.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. *Multispecies Studies: Cultivating Arts of Attentiveness*. *Environmental Humanities* 8, no. 1 (2016): 1-23. doi:10.1215/22011919-3527695.